

**Proletários brasileiros em luta**

por John Kennedy Ferreira\*\*

O CEPE – Centro Ecumênico de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar de Lima – alcança seu 15º ano lançando este número duplo de sua revista, *Revés do Averso*. Abre-se uma nova fase da publicação, agora voltada para a memória das lutas populares. A partir deste número serão elaborados dossiês<sup>1</sup> sobre e por participantes de movimentos sociais: mulheres, negros, sindicalistas etc.

Para iniciar esta nova fase, *Revés do Averso* teve a feliz idéia de convidar o pessoal do OSM –Oposição Sindical Metalúrgico de São Paulo – para contar sua história.

Não se trata de uma história qualquer.

Foi um verdadeiro movimento de renovação moral e política que, iniciado no sindicalismo paulistano, se estendeu para o conjunto do movimento operário (e popular) brasileiro nos anos 70 e 80, tornando-se um dos marcos da origem do novo sindicalismo e, portanto, do PT e da CUT e, mais recentemente, um dos alicerces políticos da fundação do PSOL, CONLUTAS e INTERSINDICAL e da renovação política que se expressa nas bases da sociedade brasileira.

As lutas, as greves, a metodologia de organização é contada, não por acadêmicos ou estudiosos, mas pelos homens e mulheres que estiveram à frente do movimento.

São dezessete textos curtos e densos e começam com Waldemar Rossi nos relatando como nasceu a OSM e o papel fundamental desempenhado pela Pastoral Operária (e outros grupos católicos, como JOC, ACO, etc.) na sua organização e política.

Ele nos explica que ainda na década de 50, a JOC realizou estudo sobre as leis sindicais brasileiras (Consolidação das Leis do Trabalho) e fez “descobertas” sobre a influência fascista, via “Carta del Lavoro” de Mussolini, na CLT. Tais descobertas levaram os grupos de militantes sindicais a intuírem que o modelo sindical brasileiro era restrito, só representava a diretoria e não a base, e que, dessa forma, não bastava ter uma diretoria ligada aos trabalhadores se a estrutura, pautada na CLT, não fosse superada por outra mais adequada a novas práticas e mentalidades.

Esta compreensão foi importante para o desenvolvimento de uma ação sindical baseada na organização de pequenos grupos no interior das fábricas.

---

\* São Paulo: CEPE, 2006, 79 p.

\*\* Mestrando Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador do NEILS.

<sup>1</sup> Informação transmitida por Eurico Pereira de Souza, membro do Conselho Editorial.

Só depois de organizado no chão da fábrica, por meio do trabalho de “formiguinha”, é que o movimento se lançava para atividades mais amplas.

O método que alcançou tão largos resultados também merece destaque: *ver, julgar e agir*, nasceu, baseado nas cartilhas de conscientização da JOC (Juventude Operária Católica), *fato este que levou, com os passar dos anos, ao engajamento de centenas de trabalhadores católicos nos trabalhos de base e nas ações sindicais. Foi desse trabalho, alias, que em 1970 se oficializou a Pastoral Operária em São Paulo, a primeira do Brasil (...). A PO foi um dos instrumentos fundamentais para a multiplicação das oposições pelo Brasil afora.* (Rossi, 5).

Destes procedimentos contribuíram para diversas lutas dentro das fábricas, objetivando a construção da democracia e do poder operário. Resultaram na organização de Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (CIPAs) e, principalmente, várias comissões de fábricas (CFs) e novas direções sindicais. A primeira comissão foi justamente a da COBRASMA, em Osasco, criada em 1963, e a direção do Sindicato de Osasco foi responsável pelo grande enfrentamento operário contra a ditadura militar, em 1968.

Sobre essa resistência e a organização sindical de base e de direção, os textos de João Batista Cândido e João Joaquim da Silva são esclarecedores. As atividades que desembocaram na fundação do Movimento Intersindical Antiarrocho – MIA –, com o famoso 1º de maio que colocou o governador-interventor Abreu Sodré para correr da Praça da Sé e desencadeou a ação grevista de 68 de Osasco (e também Contagem - MG), teve sua origem no trabalho de base organizado nas fábricas pela JOC e no “grupo de Osasco”, constituído por operários-estudantes secundaristas ligados a grupos de esquerda que contavam com Zequinha Barreto (companheiro até o último instante de sua vida do capitão guerrilheiro Carlos Lamarca) e José Ibrahim (presidente do Sindicato Metalúrgico de Osasco na época e que, tempos depois, quase foi ministro do trabalho na era Collor de Mello e hoje é quadro político da Força Sindical).

A união dos dois grupos, JOC e Grupo de Osasco, possibilitou a construção da chapa vencedora nas eleições sindicais de 1967, tendo como carro chefe a comissão de Fábrica da COBRASMA. As lutas eram por melhores condições de salários e trabalho e pela legalização da CFs. A partir daí a greve.

Uma intensa repressão abateu-se sobre os operários, que se defenderam com bravura. O gesto de Zequinha, ameaçando explodir os tanques de combustível para garantir a saída dos companheiros presos na fábrica pelas forças militares, é uma das páginas mais altivas da resistência operária à ditadura brasileira.

A derrota na greve determinou a continuidade da luta por outros meios, a montagem da primeira chapa contra o pelego Joaquim de Andrade – o Joaquinção – em São Paulo, em aliança com os grupos reformistas do PCB

e fundamentalmente a constituição de uma metodologia de trabalho organizado a partir de reuniões feitas em fábricas, com escolha de propostas e de representantes diretamente no interior da fábrica e não só em sua vanguarda. Tal metodologia foi essencial para que a oposição se convertesse em uma verdadeira força política, que bateu o pelego Joaquim em duas eleições (1978 e 1981) que, infelizmente, foram fraudadas, como bem atesta o depoimento feito a Rossi por um antigo membro do PCB, Cândido Hilário Silva, sobre a aliança tácita e explícita existente entre os pelegos, a ditadura e o PCB.

Essa metodologia se articulou a um referencial teórico bastante útil para o conjunto do movimento operário e popular autônomo de meados da década de 70 aos nossos dias. Este referencial teórico é amplo: incorporou a leitura do socialismo feita pelos cristãos ligados à teologia da libertação; a contribuição marxiana feita pela organização política dos comunardos, dos soviets e dos conselhos operários de Turim e da Espanha, como nos explicam Hélio Bombardi e Stanislaw Szermeta; e, mais tarde, a crítica feita pelo movimento anti-stalinista e antiburocrático, que teve seu auge na Europa em 68 e 69, e em setores do *Solidariedade* polonês, nas décadas de 70 e 80. O que explica a riqueza interna de agrupamentos, coletivos e indivíduos com abordagens e formações teóricas distintas.

Esses esforços teóricos se imbricaram numa prática que teve seu ponto forte entre o final dos anos 70 e o início dos 90 e se voltou, fundamentalmente, para o sindicato como espaço de luta. Constituiu-se, por meio de encontros, assembléias e congressos, um programa político para o movimento sindical que agia em pinça, desenvolvendo, embaixo, um processo de disputa com os patrões sobre a realidade da fábrica alimentado por intensa agitação e greves que percorreram toda a década de 80; e, por cima, objetivando a disputa com o Estado construído a serviço da classe dominante.

Segundo Vito Giannotti, essa foi uma das vertentes que deram origem ao novo sindicalismo, voltado a superar a velha estrutura pela base, tendo como método a conscientização e a participação democrática de todos e como objetivo estratégico, o socialismo .

Tanto Jorge Martins como Eliezer Mariano da Cunha observam que essa práxis, fundamental para a construção da Central Única dos Trabalhadores, entrou em decadência no movimento sindical (mas não só) a partir da reestruturação produtiva e da assimilação do ideário neoliberal pelos grandes sindicatos e principais dirigentes sindicais. A democracia direta e operária deixou de ser valor estratégico, a participação restringiu-se aos filiados e a superação da estrutura sindical corporativista foi deixada de lado. Nasceu o sindicato cidadão, o 1º de Maio voltou a ser principalmente uma festa patrocinada pelo Estado, empresários e banqueiros e a própria CUT aceitou de bom grado as benesses monetárias do Estado, a partir do FAT.

*Revés do Averso* presta um grande serviço à ação política e sindical crítica e autônoma, ao trazer para o público a voz de antigos e, na maioria das vezes, combativos ativistas sindicais, mostrando as suas opiniões e histórias e demonstrando que os trabalhadores podem percorrer outros caminhos para a construção sindical, a construção democrática e a transformação social.

Também é bom mencionar que este número duplo, tem artigos voltados para a participação da mulher, a greve de 1979 e o assassinato de Santos Dias. Além disso reproduz, na contracapa, uma bela gravura de Cândido Portinari, encerra-se com a letra da *Internacional*, o hino dos trabalhadores, e ainda apresenta, em sua capa interna, a reprodução do pôster do Iº congresso do MOSMSP, realizado em 1979.